



PUBLICAÇÃO Rubrica
/ /

P 11.600/2015

CÂMARA M. JUNDIAÍ (PROTOCO) 14/JUL/2015 10:06 073258

Apresentado.
Encaminhe-se às comissões indicadas:
[Handwritten signature]
Presidente
14/07/15

PROJETO DE RESOLUÇÃO Nº. 794

(Marcelo Gastaldo)

Altera o Regimento Interno, para criar o Diploma do Imigrante.

Art. 1º. O art. 191 do Regimento Interno (Resolução nº. 379, de 13 de novembro de 1990) passa a vigorar acrescido desde dispositivo:

“XXXII – Diploma do Imigrante, destinado a famílias de imigrantes que se estabeleceram em Jundiaí e colaboraram efetivamente para o desenvolvimento da cidade”.

(NR)

Art. 2º. Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões, 14/07/2015

[Handwritten signature]
Engº. MARCELO GASTALDO

[Large handwritten signature]
[Handwritten signature]
[Handwritten signature]
[Handwritten signature]
[Handwritten signature]



(PR n.º. 794 - fls. 2)

Justificativa

A imigração desempenhou um papel fundamental na história e na formação de nossa nação, em todos os aspectos: econômico, cultural, linguístico, religioso, étnico... e – por que não? – até mesmo afetivo e psicológico de nossa gente e de sua personalidade carinhosa, acolhedora, trabalhadora.

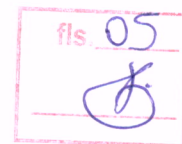
E é claro que a nossa história local não poderia ser diferente! Para cá vieram levas e levas de imigrantes “de todas as cores” e cantos do planeta: italianos (essencialmente), japoneses, portugueses, alemães, poloneses, chineses... e até mesmo de nossos vizinhos latino-americanos.

Não pretendo aqui recontar toda a história da construção de Jundiaí por tantas famílias que aqui fixaram residência, fazendo desta a sua terra, para cá trazendo sua cultura, culinária, histórias, tradições... que tanto encantaram e ainda nos encantam a todos, bem como sua força de trabalho, sua valentia, seus conhecimentos sobre a terra e a produção campesina, o trato com produtos derivados (o vinho, é lógico!), assim como, há menos tempo, o próprio processo industrial.

Para contar essa história, selecionamos textos que contam de Jundiaí nos sítios da internet onde mantêm página a Prefeitura Municipal de Jundiaí, o 12.º Grupo de Artilharia de Campanha-GAC e o Centro de Estudos e Pesquisas de Administração Municipal-CEPAM, órgão do governo do Estado, juntando-os a fim de instruir os autos.

Por isso, com esta iniciativa pretendemos que a Câmara Municipal crie um meio para oferecer uma homenagem direta a tantas famílias de imigrantes que vieram engrandecer o nome e a história desta Terra de Petronilha.

Eng.º. MARCELO GASTALDO



Prefeitura de Jundiaí » A Cidade » História

História

A região de Jundiaí era habitada por povos indígenas até o final do século 17. Eles se dedicavam à produção de milho e mandioca.

Parte da cultura indígena foi incorporada pelos brancos colonizadores, entre elas a técnica construtiva e a utilização de queimadas na lavoura.

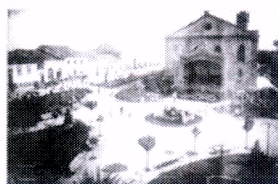
Origem do nome

O nome Jundiaí tem origem tupi e vem da palavra "jundiá", que significa "bagre" e "y" significa "rio". Alguns estudiosos também consideram o termo "yundiaí" como "alagadiços de muita folhagem e galhos secos".



O Jundiá – Peixe que deu origem ao nome da Cidade

Século 17



Os primeiros colonizadores chegaram à região em 1615. Apesar das controvérsias dos historiadores, a versão mais aceita sobre a fundação do município remete à vinda de Rafael de Oliveira e Petronilha Rodrigues Antunes que, por motivações políticas, fugiram de São Paulo e refugiaram-se nos arredores, fundando a Freguesia de Nossa Senhora do Desterro, posteriormente elevada à categoria de Vila em 14 de Dezembro de 1655. Os novos colonizadores afugentaram os grupos indígenas, que se embrenharam na mata. A origem de Jundiaí está ligada diretamente ao movimento bandeirante,

principal responsável pela ocupação da antiga Capitania de São Vicente.

Século 18

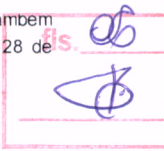
Ao longo dos séculos 17, 18 e início do 19, a economia da cidade se limitava a pequenas lavouras de subsistência, que abasteciam moradores da vila, tropeiros e bandeirantes. Na época, a região era formada por várias sesmarias pertencentes à Capitania de São Vicente, conhecida como "Portão do Sertão". Era o caminho de muitas entradas e bandeiras. Durante longo período, a escravidão indígena foi a base da mão-de-obra local, embora essa prática fosse proibida por lei.

Naquela época, a cidade tinha quatro ruas centrais, chamadas de Rua Direita (atualmente Barão de Jundiaí), Rua do Meio (Rua do Rosário), Rua Nova (Senador Fonseca) e Rua Boa Vista (Zacarias de Góes). As melhores casas eram de taipa e terra, enquanto os moradores mais humildes usavam o pau a pique, cobertas por sapê. A insurgente localidade possuía a Capela de Nossa Senhora do Rosário (hoje no local está o Gabinete de Leitura Rui Barbosa), o Hospício dos Beneditos e o Mosteiro de São Bento, um dos poucos monumentos sobreviventes. Naquela época, o abastecimento de água era feito de modo rudimentar, por meio de bicas públicas. Candeeiros de querosene eram responsáveis pela iluminação. Eles ficavam suspensos nas paredes, acesos no final da tarde e apagados ao raiar do sol.

Um dos pontos comerciais mais movimentados era o Largo do Rocio, que deu lugar atualmente à Praça da Bandeira. Dentre as atividades agrícolas, a cana-de-açúcar era o destaque, mas a produção era utilizada para a fabricação de aguardente.

Em meados do século 18, o número de escravos indígenas e de escravos de origem africana já era praticamente o mesmo, mas a partir da segunda metade deste século, a quantidade de africanos se intensificou, até que a mão-de-obra indígena foi totalmente abandonada. À medida que o número de africanos aumentava, também cresciam os focos de resistência. Há poucos registros históricos sobre a vida destes trabalhadores. Em 28 de Março de 1865 Jundiaí foi elevada à categoria de cidade.

mao-de-obra indígena foi totalmente abandonada. A medida que o número de africanos aumentava, também cresciam os focos de resistência. Há poucos registros históricos sobre a vida destes trabalhadores. Em 28 de Março de 1865 Jundiaí foi elevada à categoria de cidade.



Século 19



A partir da segunda metade do século 19 a produção cafeeira ganhou força para o oeste e isso promoveu o crescimento da cidade. Jun com o café vieram a ferrovia e as indústrias. A Ferrovia Santos-Jundiaí foi inaugurada em 1867, época em que se observava a crise do escravismo e a consequente alta do preço do escravo. Neste contexto, os grandes produtores rurais passaram a buscar novos trabalhadores e teve início o amplo processo de imigração, com a participação direta do Governo Federal. Os primeiros foram os italianos, que se instalaram preferencialmente na região da Colônia, no Núcleo Barão de Jundiaí, implementado pelo então presidente da Província de São Paulo, Dr. Antônio de Queiroz Telles (Conde de Parnaíba), filho do Barão de Jundiaí. Depois, outros europeus foram instalados no comércio e na lavoura e alguns passaram rapidamente de colonos a proprietários, incrementando a atividade agrícola. A imigração estimulou o crescimento comercial e industrial e, ainda, do segmento de serviços e infra-estrutura urbana.

Enquanto isso, Jundiaí ia se destacava como uma cidade estratégica no setor ferroviário, com a instalação da Ferrovia Santos-Jundiaí (em 1867), a Cia. Paulista de Estradas de Ferro (em 1872), da Cia. Ituana (em 1873), da Cia. Itatibense (em 1890) e a Cia. Bragantina (em 1891).

Século 20



De acordo com censo realizado pelo Governo Federal, em 1920 Jundiaí possuía uma população de 44.437 habitantes. O abastecimento de água foi implantado em 1881. A energia elétrica chegou em 1905 e o telefone em 1916. Os imigrantes, de origem oriental, principalmente os japoneses, chegaram na cidade nas décadas de 20 e 30.

O processo de industrialização de Jundiaí acompanhou as vias de circulação. Com isso, as indústrias se concentravam nas regiões próximas à ferrovia e às margens do Rio Guapeva, atendendo principalmente os segmentos têxtil e cerâmico. Nos anos 30 e 40, ocorreu novo impulso industrial e após a inauguração da Rodovia Anhanguera, em 1948, mais empresas procuraram a cidade, aproveitando também a abertura da economia ao capital estrangeiro em 1950. Foi nesta época que vieram para o município as indústrias metalúrgicas. Por tudo isso, pode-se dizer que Jundiaí nasceu com uma forte aptidão para o trabalho e o desenvolvimento.

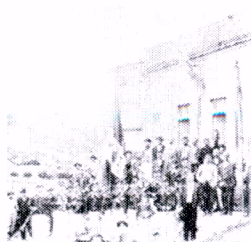
Com o fim do trabalho escravo no País, os grandes senhores da terra de São Paulo passaram a investir na mão de obra dos imigrantes europeus, que fugiam dos horrores da guerra. Jundiaí recebeu grande número de italianos e, para abrigar as famílias de imigrantes, foram criados na cidade, por iniciativa do presidente da Província de São Paulo, Antônio de Queiroz Telles, o Conde do Parnaíba, quatro núcleos coloniais, entre eles o "Barão de Jundiaí", que deu origem ao bairro da Colônia.

Em 1887, 22 colonos italianos chegaram ao núcleo "Barão de Jundiaí" e, em poucos meses, esse contingente chegava a quase 100 pessoas. O cotidiano não era nada fácil: chegavam ao Brasil apenas com as roupas do corpo e poucos bens, sendo que as passagens foram subsidiadas pelo Governo brasileiro. Com trabalho, as famílias italianas foram criando seus próprios meios de subsistência, cultivando terras, criando seus filhos. Muitos grupos conseguiram comprar pequenos lotes, montaram armazéns, organizaram várias culturas, principalmente de milho, feijão, arroz, batata, legumes, frutas, especialmente uva.

A Chegada dos Imigrantes Italianos no Bairro da Colônia

Onde hoje é o atual espaço da Festa della Colonia Italiana, guarda-se a história de um dos períodos mais importantes da imigração italiana em Jundiaí, como parte da memória ainda viva na lembranças dos descendentes e registrada em livros e documentos de grande valor histórico.

Núcleo Colonial Barão de Jundiaí

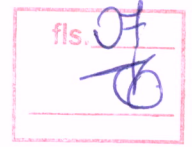


Com a criação do Núcleo Colonial Barão de Jundiaí. Depois que o imperador D. Pedro II ordenou às províncias a criação de núcleos coloniais, o então Presidente da Província de São Paulo, Antônio de Queiroz Telles – o Conde do Parnaíba – criou quatro núcleos, entre eles "Núcleo Colonial Barão de Jundiaí", em 4 de outubro de 1886, atual região do bairro da Colônia.

Os núcleos deveriam estar situados em locais que permitissem facilidades de transporte dos produtos do mercado, possuir terra fértil para receber as culturas tradicionais das províncias e boas para a pastagem, além de oferecer condições naturais para serem trabalhadas por meios mecânicos. O imigrante destinado ao

Núcleo Colonial não passava pela Hospedagem do Imigrante na capital, e contava com passagem livre nas ferrovias e com abrigo no núcleo escolhido.

Companhia Paulista



Companhia Paulista

Através da sua economia, o Núcleo Colonial Barão de Jundiaí relacionou-se intensamente com a cidade, ampliando seus contatos comerciais com a capital. Teve ainda disponibilidade de mão-de-obra considerável que, constantemente, era absorvida pelas ferrovias e indústrias de Jundiaí, como por exemplo a Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

A Árvore Lendária



emoções e de fatos dramáticos.

"A Figueira", árvore que existiu na região central da Colônia onde hoje se localizam as cantinas, foi considerada o maior símbolo deste núcleo colonial, e tornou-se lendária ao cumprir, nos primeiros tempos, a função de "alojamento" dos imigrantes. Segundo depoimentos, as famílias permaneciam sob a figueira protegidas por panos, lençóis e barracas, enquanto esperavam a liberação de seus lotes. Citada em versos, livros, história e estórias, "a Figueira" permanece na memória da cidade, remetendo aos primeiros tempos dos imigrantes, ao seu contato com as terras novas, depois de uma viagem dura, carregada de

"Fazendinha"

Núcleo foi implantado numa área de 221 alqueires, denominada "Fazendinha". As estradas foram executadas seguindo as curvas de nível do terreno e na parte central urbana foram destinadas áreas para Praça, Igreja, Escola, além da área municipal.

A Ferrovia



Atreladas do ciclo do café, a chegada da ferrovia e a urbanização impulsionaram Jundiaí ao desenvolvimento industrial. A Estação Ferroviária de Jundiaí foi inaugurada após sete anos de obra, em 1867. Denominada de São Paulo Railway, ela ligava a cidade portuária de Santos a São Paulo e Jundiaí.

Foi também nessa época que o imigrantes – a maioria de italianos – começaram a chegar na cidade e fincar suas raízes.

Jundiaí era última estação da estrada de ferro de Santos. Em 1872, foi inaugurado o trecho da Companhia Paulista.

Em julho de 2005, a administração assinou uma carta de intenção para restauro e adequação da estação, que deverá ocorrer numa parceria entre a Secretaria de Transportes Metropolitanos e a Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM).

Para preservar a memória das estradas de ferro paulistas, foi criado, em 1979, o Museu Ferroviário, localizado na Avenida União dos Ferroviários, e que recebe o nome de "Barão de Mauá", uma homenagem ao pioneiro do transporte ferroviário nacional, Irineu Evangelista de Souza. O acervo reúne livros, revistas, periódicos e muitas fotos históricas, bem como documentos relevantes da ferrovia. A visitação é aberta ao público em geral.

As Grandes Festas



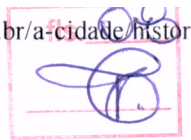
Com grande vocação agrícola, Jundiaí se despontou no cenário nacional com a produção de uvas de mesa, especialmente a niágara rosada. E para estimular ainda mais os produtores, foi criada a Festa da Uva em 1934, idealizada por Antenor Soares Gandra, com o apoio da Associação Agrícola de Jundiaí e Prefeitura. O evento foi centralizado no já extinto Mercado Municipal e marcou o Município. A festa continuou a ser realizada e com periodicidade de três anos, sendo que, em alguns períodos, o evento foi realizado de maneira mais espaçada. A partir de 1964, o evento passou a ser realizado ano sim, ano não, sempre em anos pares, alternando com a Festa do Morango. O local é o Parque Comendador Antonio Carbonari, mas conhecido como Parque da Uva.

A primeira Festa do Morango foi realizada em 1965, no bairro do Poste. Depois com o crescimento da participação dos agricultores e do público, o evento foi transferido para o Parque Comendador Antonio Carbonari, onde permanece até hoje. A festa acontece nos anos ímpares intercalando com a Festa da Uva.

Jundiaí Hoje

Aos poucos, tanto os imigrantes como seus descendentes foram se integrando à comunidade jundiaense. Hoje, mais de 75% da população de Jundiaí é descendente de imigrantes italianos, que constituem uma das maiores colônias em todo o Brasil.

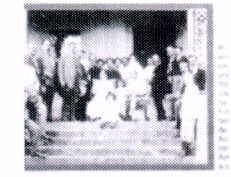
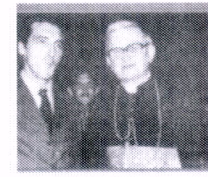
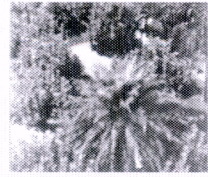
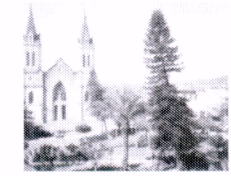
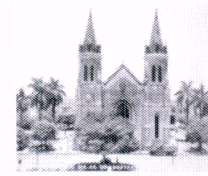
Na primeira metade do século 20, Jundiaí descobriu a sua vocação industrial, que perdura até hoje, pois a cidade possui um dos maiores parques industriais da América Latina.



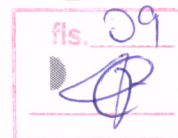
Na primeira metade do século 20, Jundiaí descobriu a sua vocação industrial, que perdura até hoje, pois a cidade possui um dos maiores parques industriais da América Latina.

Jundiaí destaca-se, atualmente, no desenvolvimento das áreas cultural, educacional, tecnológica e ambiental. A indústria do lazer também aquece a economia da cidade, com a instalação de parques temáticos que atraem turistas e geram empregos.

O aniversário da cidade é comemorado em 14 de dezembro.



Os Condeades Pedro de Toledo e São Paulo
Benedictina, São Paulo, SP



Nossa Cidade - História



História

A povoação de Jundiá começou a ser reconhecida a partir de 1651, com a inauguração da capela dedicada à Nossa Senhora do Desterro "dois anos após o início de sua construção". O que remete à 1649, à existência de um povoamento regular. Nesta época, a existência de uma "capela curada" era essencial para o reconhecimento da existência de uma comunidade. Em 14 de dezembro de 1655, Jundiá foi elevada à categoria de vila, sendo seu primeiro plano urbanístico efetuado em 1657. No entanto, o primeiro contato entre europeus e indígenas, bem como, a efetiva ocupação da região pelos brancos, constituem-se ainda em objetos de muitos estudos e especulações.

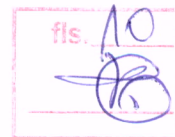
No século XVII, quando da efetiva fixação do branco nesta região, a agricultura possuía a função de subsistência, muito embora, há notícias da exploração de frutas cítricas e marmelais. No século XVIII, com o crescente desenvolvimento da então Província de São Paulo (Estado), houve a implementação de pequenas atividades relacionadas às Tropas de

Comércio, particularmente as de natureza comerciais; como estalagens e pequenos "emporiums". No século XIX, após a implementação da cafeicultura no Estado - primeiro no Vale do Paraíba e, posteriormente, no Oeste Paulista - algumas áreas de Jundiá também foram destinadas a este tipo de plantio, inclusive com a utilização da mão de obra negra escrava.

De vila à cidade Elevada à categoria de cidade em 28 de março de 1865, Jundiá tornou-se, nas décadas seguintes, numa estratégica área de entroncamento ferroviário. Em 1887, concluiu-se a Ferrovia Santos - Jundiá. Em 1872, era inaugurada a Cia Paulista de Estradas de Ferro, em 1873 a Cia. Ituna, em 1890 a Cia Itatibense e, finalmente, em 1891 a Cia Bragantina. Com o desenvolvimento ferroviário, surgiram pólos de imigração na região, com a chegada de ingleses, espanhóis e italianos. Após a substituição da mão-de-obra negra escrava, o processo de imigração em Jundiá foi impulsionado por intermédio de incentivos governamentais. Como exemplo, pode-se citar a criação do Núcleo Colonial "Barão de Jundiá", implementado pelo então Presidente da Província de São Paulo, Dr. Antônio de Queiroz Telles (Conde do Parnaíba), filho do Barão de Jundiá e agraciado também com o título de "Apóstolo da Imigração Italiana".

Com a chegada do final da segunda metade do Séc. XIX, e praticamente nos finais da Monarquia brasileira: Jundiá era considerada um expressivo centro produtor de café em São Paulo. Em 1887 e 1890, houve uma massa migratória vinda de região de Veneto, Piemonte e Lombardia, na Itália. Foi então que a partir de 1890 a cidade começou a receber um maior número de imigrantes italianos. Talvez, Jundiá não tenha sido o eldorado sonhado pela "boa gente" que aqui aportara, porém, a estreita convivência com a laboriosa colônia fez com que, desde de logo, as influências comessem a surgir numa perfeita e entrosada cultura, numa verdadeira miscigenação em consequência das gerações que iam sucedendo-se. Depois desse surto imigratório, a cidade começou a deixar aquele ar das velhas cidades Luso brasileiras, para ser marcada por um neoclassicismo tipicamente italiano. E assim, o italiano através de sua milenar civilização foi criando uma nova aparência em terras novas da América. Na atividade industrial, a primeira metade do século XX, esteve muito ligada à produção fabril. Destacaram-se as Indústrias Agros, Japi e Milani.

Com a expansão Industrial da segunda metade do século, novas metalúrgicas instalaram-se em Jundiá. Como exemplo pode-se citar a Vigoreli do Brasil (já extinta), a Petri, a Tusa (hoje Siemens) entre outras. Também pode-se destacar a indústria alimentícia. Atualmente Jundiá possui um dos maiores parques industriais da América Latina. A história da formação de sua sociedade também mescla-se com a efetiva ocorrência de correntes imigratórias e migratórias dos pós-segunda guerra. Dentro desse contexto, Jundiá possui uma ampla gama de diferentes experiências sociais, que acumulam culturas de várias regiões do país e do mundo. Destaca-se hoje o forte desenvolvimento na área cultural, educacional, tecnológica, turística e ambiental da região, sendo a Serra do Japi, um patrimônio histórico de toda a sociedade. Na área de lazer, a chegada dos parques temáticos já produzem uma clara modificação neste setor com a provável criação de inúmeros empregos.



Jundiaí

Download

Miguel Schincariol



Jardim Botânico



Jundiaí destaca-se nas áreas cultural, educacional, tecnológica e ambiental. A indústria do lazer também aquece a economia da cidade, com parques temáticos que atraem turistas e geram empregos. Na primeira metade do século 20, o município descobre a vocação industrial, que perdura até hoje, como um dos grandes parques industriais do País. Imigrantes italianos chegam à cidade, a partir da segunda metade do século 19, e, hoje, três quartos da população jundiaíense são descendentes de imigrantes italianos, constituindo uma das maiores colônias no Brasil.

Com o fim do trabalho escravo no País, no século 19, os grandes senhores da terra de São Paulo passam a investir na mão de obra dos imigrantes europeus, que buscavam alternativas para prosperar fora do ambiente restritivo da Europa de então. Jundiaí recebe muitos italianos e, para abrigar as famílias, quatro núcleos coloniais são criados na cidade, entre eles o Barão de Jundiaí, que deu origem ao bairro da Colônia, em 1886.

Em 1887, 22 colonos italianos chegam ao Núcleo Barão de Jundiaí e, em poucos meses, o contingente atinge quase cem pessoas. O cotidiano não era fácil: chegavam ao Brasil apenas com as roupas do corpo e poucos bens, enquanto que as passagens eram subsidiadas pelo governo brasileiro. Com trabalho, as famílias italianas criam seus próprios meios de subsistência, cultivando terras, educando seus filhos. Muitos grupos conseguem comprar pequenos lotes, montam armazéns, organizam várias culturas, principalmente de milho, feijão, arroz, batata, legumes e frutas, especialmente uva.

Onde hoje é o atual espaço da Festa della Colonia Italiana, guarda-se a história de um dos períodos mais importantes da imigração, em Jundiaí, como parte da memória ainda viva nas lembranças dos descendentes, e registrada em livros e documentos de importante valor histórico.

O Núcleo Colonial Barão de Jundiaí relacionou-se intensamente com a cidade, ampliando também os contatos comerciais com a capital. Teve ainda disponibilidade de mão de obra considerável que, constantemente, era absorvida pelas ferrovias e indústrias do município, como a Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

A figueira, árvore que existiu na região central da colônia, onde hoje se localizam as cantinas, foi considerada o símbolo do núcleo, e tornou-se lendária, ao cumprir, nos primeiros tempos, a função de alojamento dos imigrantes. Segundo depoimentos, as famílias permaneciam sob a figueira protegidas por panos, lençóis e barracas, enquanto esperavam a liberação de seus lotes. Citada em versos, livros, história e estórias, a figueira permanece na memória da cidade, remetendo aos primeiros tempos dos imigrantes.

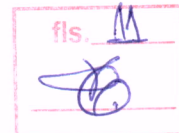
Atreladas ao ciclo do café, a chegada da ferrovia e a urbanização impulsionaram o desenvolvimento industrial. A Estação Ferroviária foi inaugurada após sete anos de obra, em 1867. Denominada São Paulo Railway, ligava a cidade a Santos e São Paulo. Para preservar a memória das estradas de ferro paulistas, é criado, em Jundiaí, em 1979, o Museu Ferroviário, que recebe o nome de Barão de Mauá, homenagem ao pioneiro do transporte ferroviário nacional, Irineu Evangelista de Souza. O acervo reúne livros, revistas, periódicos e muitas fotos históricas, bem como documentos relevantes da ferrovia. A visita é aberta ao público em geral.

Com forte vocação agrícola, Jundiaí despontou no cenário nacional com a produção de uvas de mesa, especialmente a niágara rosada. Para estimular os produtores, é idealizada, em 1934, a Festa da Uva. O evento foi centralizado no já extinto Mercado Municipal e continuou a ser realizado com periodicidade de três anos, até que, a partir de 1964, passou a acontecer em anos pares, alternando com a Festa do Morango.

Localização

Jundiaí está a 60 quilômetros da capital e integra a Região da Macrometrópole paulista. Seus municípios limítrofes são Várzea Paulista, Campo Limpo Paulista, Franco da Rocha, Cajamar, Pirapora do Bom Jesus, Cabreúva, Itupeva, Louveira, Itatiba e Jarinu.

Jundiaí está a 60 quilômetros da capital e integra a Região da Macrometrópole paulista. Seus municípios limítrofes são Várzea Paulista, Campo Limpo Paulista, Franco da Rocha, Cajamar, Pirapora do Bom Jesus, Cabreúva, Itupeva, Louveira, Itatiba e Jarinu.



Com altitude média de 762 metros, possui clima tropical, e apresenta verões quentes e chuvosos, e invernos amenos e subsecos. A temperatura média anual chega a 20,9 °C e julho é o mês mais frio (média de 16,8 °C), enquanto o mais quente é fevereiro (média de 24 °C). A menor temperatura da cidade foi de -3,1 °C e, a maior, 38,1 °C, registradas em 1975. O índice pluviométrico anual fica em torno de 1.400 milímetros.

Jundiaí possui relevo acidentado, devido à Serra do Japi, situada a sudoeste, que é reserva ambiental e uma das maiores áreas florestais intactas do estado de São Paulo. Na hidrografia, destaca-se o Rio Jundiaí.

História

Até o fim do século 17, a região de Jundiaí era habitada por povos indígenas, que se dedicavam à produção de milho e mandioca. Parte da cultura indígena foi incorporada pelos brancos colonizadores, entre elas, a técnica construtiva e a utilização de queimadas na lavoura. O topônimo deriva do tupi *yundiá-y*, que significa "rio dos jundiás", peixe da família dos silurídeos (alguns estudiosos também consideram o termo *yundiá* como "alagadiços de muita folhagem e galhos secos").

A primeira notícia que se tem do antigo povoado de Nossa Senhora do Desterro de Jundiaí data de 1615 e se refere à chegada de Rafael de Oliveira e de Petronilha Rodrigues Antunes, vindos de São Paulo.

Em 1651, é erguida a capela no então Município de Santana de Parnaíba e, em 14 de dezembro de 1655, o povoado é elevado à categoria de Vila, pelo capitão-mor Manuel Quevedo de Vasconcelos. Nessa época, a vila servia de ponto de partida para as bandeiras que buscavam ouro em Goiás e Minas Gerais.

Durante o século 18, Jundiaí foi entreposto do tropeirismo e, a partir do século 19, tem o desenvolvimento promovido pela cafeicultura, recebendo foros de cidade em 28 de março de 1865.

Em 1867, com a conclusão da Ferrovia Santos-Jundiaí, a cidade torna-se área de entroncamento ferroviário estratégico. Nessa época, chegam os primeiros grupos de imigrantes ingleses, espanhóis e italianos, que substituíram a mão de obra escrava nas fazendas e, assim, já no final do século 19, Jundiaí torna-se importante centro produtor de café. No século seguinte, a cidade atraiu muitas indústrias, destacando-se como parque industrial na América Latina.

Gentílico

Jundiaense